

Iconografia e política na África do Sul: a representação de Nelson Mandela, Thabo Mbeki e Jacob Zuma nas charges de Zapiro¹

Renata de Paula dos Santos²

Resumo: A vitória Congresso Nacional Africano nas eleições de 1994, na África do Sul, representou a transição do apartheid à democracia multirracial. Nas últimas duas décadas, a presidência foi ocupada por Nelson Mandela (1994-1999), Thabo Mbeki (1999-2008) e Jacob Zuma, atual chefe de Estado, que chegou ao poder em 2009 e foi reeleito em 2014. Nestes vinte anos, um chargista em especial, Jonathan Shapiro, popularmente conhecido pelo pseudônimo de Zapiro, retratou o cotidiano dessa história. Nosso objetivo é analisar como Zapiro representou os aspectos políticos, sociais e psicológicas dos líderes pós-apartheid. Como método ao desenvolvimento do trabalho, optamos pela análise do discurso chárigo. Entre os referenciais teóricos destacam-se Magnoli (1998; 2009), Jonge (1991) e Carlin (2009) na questão sul-africana; no campo da charge, as referências são Miani (2005; 2012) e Romualdo (2000).

Palavras-chave: África do Sul; Zapiro; Nelson Mandela; Thabo Mbeki; Jacob Zuma.

Abstract: The African National Congress victory in the 1994 elections in South Africa, representing the transition from apartheid to multiracial democracy. In the last two decades, the presidency was occupied by Nelson Mandela (1994-1999), Thabo Mbeki (1999-2008) and Jacob Zuma, current head of state, who came to power in 2009 and was reelected in 2014. In these twenty years one in particular cartoonist, Jonathan Shapiro, popularly known by the pseudonym Zapiro portrayed the everyday life of this story. Our goal is to analyze how Zapiro represented the political, the social and psychological aspects of post-apartheid leaders. As method development work, we chose the analysis of cartoon's speech. Among the theoretical frameworks highlight Magnoli (1998; 2009), Jonge (1991) and Carlin (2009) in the South African question; in the field of cartoon, references are Miani (2005; 2012) and Romualdo (2000).

Keywords: South Africa; Zapiro; Nelson Mandela; Thabo Mbeki; Jacob Zuma.

Introdução

A charge é um texto jornalístico em que a relação tempo e espaço deve ser bem demarcada. Estas características são indispensáveis para que o leitor identifique

¹ Trabalho apresentado no GT 1- Mídia e Conflitos, do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem – ENCOI.

² Mestre em Comunicação pela UEL. Especialista em Comunicação Popular e Comunitária e Jornalista pela mesma instituição. Docente da Faculdade Pitágoras (Londrina). E-mail: renatapstos@hotmail.com.

que fato e quais personagens estão ali identificados. Ao construir um argumento, o chargista utiliza como fio condutor um assunto de relevância, que já é de conhecimento do público; no entanto, a partir destes dados, ele vai transferir para o traço - e também para o texto - os seus juízos de valor. A charge traz em si marcas e questionamentos muito particulares do artista que a produziu e do período em que ela foi pensada. Para Juan García Cerrada (2011), o humor gráfico (o autor se refere à charge, à tira cômica, à história em quadrinhos (HQ) curta e à caricatura pessoal) faz parte dos acontecimentos do país e traz em si estas características. A cada período histórico, ele se apresenta como um documento social.

Por utilizar o traço para a construção do seu argumento, Edson Carlos Romualdo (2000) destaca que a charge é um texto que atrai o público por ser de rápida leitura e por transmitir várias informações de maneira condensada. Além disso, a charge se estrutura e estabelece a sua crítica a partir do humor. Para Rozinaldo Miani (2005), a charge é definida como uma modalidade das linguagens iconográficas de caráter eminentemente político e que não se desvencilha do humor. Seu argumento é elaborado a partir da crítica a um fato ou a um indivíduo específico e na defesa de uma ideia. Uma definição semelhante é apresentada por Romualdo (2000) ao considerar a charge como um texto visual de caráter humorístico que estabelece uma crítica a um personagem, fato ou acontecimento político. Para o autor, por meio do humor, a charge busca revelar o que está oculto em personagens, fatos ou ações políticas e destrona os poderosos, colocando assim, figuras importantes do cenário político em situações constrangedoras.

Ainda em Miani (2012), tomamos a charge como um instrumento de crítica que auxilia no debate ideológico e na organização política da sociedade. Como manifestação linguística, a charge é defendida enquanto um instrumento de persuasão, podendo culminar com o passar do tempo em um processo de mobilização social, já que a charge busca a todo tempo convencer o seu leitor de seus argumentos. A charge, costumeiramente, se destaca como um texto de crítica política.

Mandela: primeiro presidente negro da África do Sul

A vitória do Congresso Nacional Africano (CNA) nas eleições de 1994 foi um importante marco para a história sul-africana. Além de representar um processo de transição histórico, a vitória celebrou a chegada conjunta do partido e de Nelson Mandela ao poder. A indicação do líder negro à presidência se destacou como um passo importante para o futuro da África do Sul. Por mais que a transição tenha ocorrido há duas décadas, ainda são necessários muitos esforços governamentais, e também da oposição, para que as lacunas entre brancos e negros, deixadas pelas décadas de segregação, sejam separadas. Mais do que grandes feitos políticos e econômicos, Mandela foi responsável por estabelecer as bases da nova sociedade sul-africana. A Constituição de 1994, apontada como uma das mais democráticas do mundo, foi assinada pelo ex-presidente. Talvez o principal objetivo do líder negro tenha sido o de assegurar os direitos políticos de todos os sul-africanos, afastando o risco de um golpe de Estado ou de um novo regime antidemocrático (CARLIN, 2009).

Ao término do seu mandato, Mandela deixou a vida política e começou a se dedicar a trabalhos voluntários destinados às vítimas da AIDS e crianças carentes. Os anos em que esteve à frente do país não arranharam a sua imagem com a maioria da população; o líder negro permaneceu com o seu *status* de herói. Desde 2009, o aniversário do líder negro tornou-se uma festa internacional (*Mandela Day*), destinada à solidariedade com os mais necessitados. Nelson Mandela tornou-se uma figura expoente em todo continente africano e conquistou respeito e admiração em todo mundo.

Carlin (2009) destaca que ao consolidar as bases de uma “nova” África do Sul, o líder negro esperava unificar o país a partir do perdão. De acordo com Tiago Cordeiro (2010), o líder popular foi responsável por reduzir, de maneira significativa, o número de favelas e ampliar o acesso ao saneamento básico e à energia elétrica. Entretanto, a desigualdade social persiste e a manutenção do sistema produtivo ainda continua nas mãos dos sul-africanos brancos após vinte anos de transição.

Mbeki: queda de um ícone

Com o término do mandato de Mandela, quem assumiu a presidência foi Thabo Mbeki. Eleito pelo CNA, assim como seu antecessor, o segundo chefe de Estado negro sul-africano também foi militante *antiapartheid*. O político apresenta um envolvimento pessoal e familiar com a causa sul-africana, já que é filho de Govan Mbeki, líder do CNA condenado no julgamento de Rivonia, ao lado de Mandela. Eleito em 1999, governou o país até 2008, pelo período de dois mandatos.

Mbeki chegou à presidência como o político mais importante da África do Sul depois de Nelson Mandela; entretanto, com o passar dos anos, a sua credibilidade com a população, com a opinião pública e com líderes internacionais sofreu baixas importantes. O político chegou ao poder com a expectativa de que seria um melhor gestor do que o seu antecessor. No entanto, o que parecia um futuro promissor transformou-se em uma série de acusações de críticos à sua conduta presidencial nas instituições estatais, além de interferir no Poder Judiciário e proteger políticos de destaque contra investigações policiais.

As acusações de corrupção cresceram durante a administração de Mbeki. O político foi apontado como o responsável por enriquecer uma pequena elite negra e deixar de lado as demandas de grande parte da população. Os escândalos com desvios de dinheiro são recorrentes na administração pública sul-africana desde a retirada política de Nelson Mandela.

Alexandra Fuller (2010) narra que em 2005 o então presidente cassou o mandato de seu vice, Jacob Zuma, que estava envolvido em um escândalo de corrupção. As denúncias foram retiradas em 2009, entretanto, envolviam o valor de U\$S 5 bilhões em um negócio de armamentos. O vice-presidente foi acusado de ter recebido suborno de seu assessor, Schabir Shaik, condenado pelas acusações de corrupção e fraude. O fato aumentou a pressão popular e da oposição para que Zuma fosse retirado do Governo. Cerca de duas semanas depois, ele deixou o cargo. Entretanto, Fuller (2010) pondera que a cassação de Zuma teve mais motivações políticas do que um combate efetivo à corrupção. O objetivo do presidente era melhorar a sua imagem junto aos eleitores e à opinião pública.

A decisão de Mbeki criou uma cisão no CNA. Os partidários de Zuma queimaram camisas com o rosto do chefe de Estado em praça pública. O fato desencadeou uma extrema rivalidade política entre os dois. Zuma derrotou Mbeki nas eleições do partido em 2007, tornando-se então o seu novo presidente. A vitória de Zuma resultou em uma perda de espaço de Mbeki. Além da falta de apoio da sigla, as acusações de corrupção também atingiram Thabo Mbeki, que renunciou ao cargo em 2008 por pressão do próprio CNA. A presidência foi ocupada, interinamente, por Kgalema Motlanthe.

Zuma: a controvérsia política

Eleito em 2009, Jacob Zuma não é uma figura unânime nem mesmo no interior do seu partido. Ele chegou ao cargo na primeira recessão econômica desde o fim do *apartheid*. Durante a gestão de Mbeki, o país alcançava bons índices de desenvolvimento. As desconfianças contra o atual presidente estão fundamentadas em seu envolvimento frequente em questões policiais. Além das acusações de corrupção que culminaram em sua cassação no governo anterior, o líder *zulu* foi réu em julgamento por estupro e também é acusado de mandar matar um suposto amante de uma das suas seis esposas. Adepto da poligamia, o militante *antiapartheid* declarou publicamente que uma ducha rápida é um meio efetivo para o combate à AIDS. As organizações não governamentais criticaram essa postura, considerando a grave situação da doença no país.

No campo político, foi no governo Zuma que o país entrou no BRICS. Outro fator que trouxe bastante visibilidade para o seu mandato foi a realização da Copa do Mundo da Fifa de 2010. Na esfera social, Zuma é acusado de tomar medidas arbitrárias e de não investir nas demandas dos mais pobres. O presidente declarou publicamente que poucas mudanças ainda podem ser sentidas pela população negra desde o fim do *apartheid*; para sanar esta condição afirmou que medidas mais ostensivas são necessárias. Frequentes escândalos de corrupção têm afetado drasticamente a sua popularidade. Sempre que comparece a eventos pré-determinados é

hostilizado pelos sul-africanos com vaias. Durante a cerimônia pública do velório de Nelson Mandela, Zuma foi vaiado no estádio *Soccer City*, em Joanesburgo, diante de 90 chefes de Estado.

Marcado por inúmeros escândalos pessoais, o presidente foi acusado de manipular o sistema judiciário sul-africano para se tornar o líder do país. Caso não fosse inocentado nestes processos, Zuma seria impedido de assumir o cargo, mediante normas da Constituição do país. Apesar de um passado de militância e de proximidade com Mandela, é apontado pela imprensa sul-africana como um político populista e corrupto. No final de 2013, Zuma sentiu novamente a pressão da opinião pública e da oposição após ser acusado de desviar dinheiro público para reformar uma residência particular. O seu envolvimento com a imprensa é complicado. Acusado pelos meios de comunicação por não tolerar críticas à sua conduta política, processou chargistas e jornais sul-africanos e internacionais. Apesar de acumular muitas baixas em seu primeiro mandato, Zuma foi reeleito nas eleições de 2014.

Zapiro, militante político do traço

Jonathan Shapiro é o chargista sul-africano mais conhecido no exterior. Nascido na Cidade do Cabo em 1958, ele estudou arquitetura e Design Gráfico antes de se dedicar exclusivamente às linguagens iconográficas. Na década de 1980, ganhou uma bolsa de estudos na Escola de Artes Visuais de Nova Iorque. A experiência é apontada pelo chargista, que popularmente é conhecido pelo pseudônimo de Zapiro, como uma oportunidade marcante em sua trajetória, já que estudou com figuras importantes do humor gráfico como Art Spiegelman, Will Eisner e Harvey Kurtzman.

O chargista cresceu em um lar politizado e contrário ao regime de segregação racial, por influência de sua mãe. O engajamento político é uma característica evidente em seu trabalho. Quanto ao seu processo criativo, ele descreve que logo pela manhã, enquanto leva os seus filhos para a escola, acompanha pelo rádio as notícias. Segundo Zapiro, a charge começa pela palavra. A partir daquilo que ouve,

constrói mapas mentais que darão origem a pequenos esboços até chegar ao produto final.

No campo político, ele iniciou sua militância em 1983 na Frente Democrática Unida (FDU), órgão anti-*apartheid*. O cartunista chegou a ser preso naquele período pelas forças armadas nacionais (SADF) e monitorado pela inteligência militar. O trabalho de Zapiro começou a ganhar força e ser reconhecido na África do Sul a partir de sua atuação em organizações políticas, com caráter progressista e que reivindicavam o fim do regime de segregação racial. No final da década de 1980, começou a trabalhar no jornal *South* como cartunista editorial. Após sua passagem pelos Estados Unidos, regressou à África do Sul em 1991 e se dedicou a quadrinhos educacionais voltados à prevenção dos abusos sexuais infantis, ao combate à AIDS e à democracia.

O chargista tem o seu trabalho publicado nos maiores jornais sul-africanos como o *Sunday Times* (desde 1998), o *Mail Guardian* (desde 1994) e o *The Times* (desde 2009). Além do *Sowetan*, *Cape Argus*, *Cape Times*, *The Star*, *The Mercury* e *Pretoria News*, periódicos em que trabalhou anteriormente. Zapiro também se dedica a publicações de livros. Entre os anos de 1996 e 2013, lançou dezessete coleções políticas, um livro de grande formato que reúne charges de Nelson Mandela e uma coleção de charges esportivas.

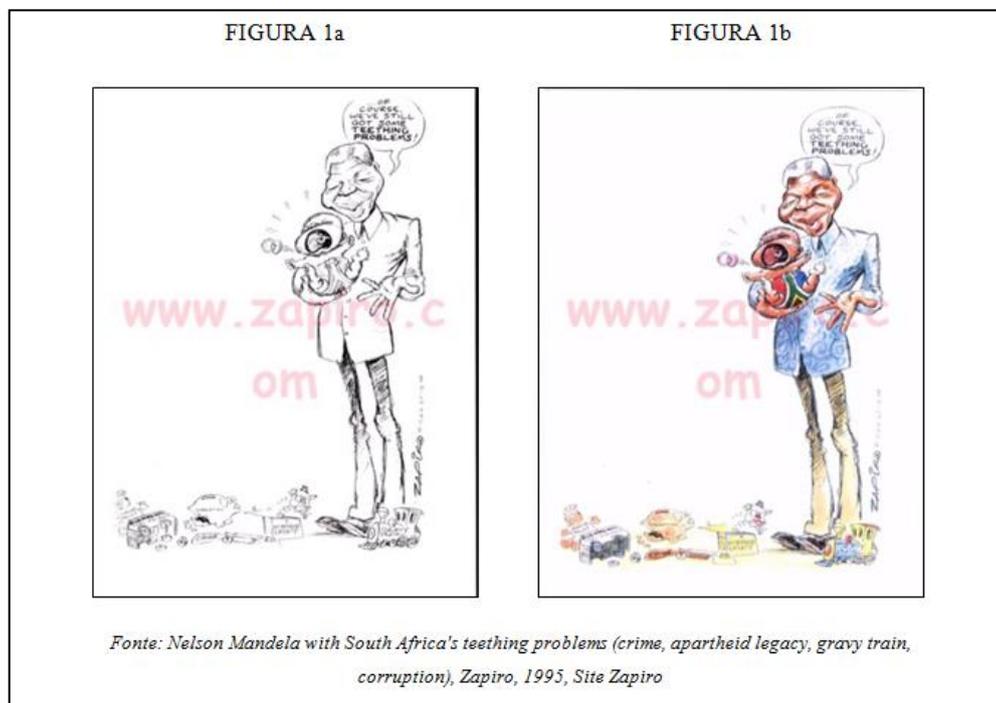
O discurso chágico em Zapiro

Após analisarmos as charges de Zapiro³, percebemos que o trabalho do chargista tem grande destaque na África do Sul e que, em alguns momentos, também alcançou relevância no cenário jornalístico internacional. O chargista soube trabalhar

³ Este artigo é derivado da dissertação “Iconografia e política na África do Sul: a representação de Nelson Mandela, Thabo Mbeki e Jacob Zuma nas charges de Zapiro”, defendida em abril na Universidade Estadual de Londrina. Por exigências do próprio formato, apresentaremos aqui apenas uma charge de cada presidente.

bem em seus argumentos fatos polêmicos relacionados à história do país ou à vida pessoal de seus principais líderes.

A primeira charge escolhida para compor esta análise é de 20 de dezembro de 1995 e foi publicada no jornal *Mail & Guardian*. As figuras 1a e 1b - *Nelson Mandela with South Africa's teething problems - crime, apartheid legacy, gravytrain, corruption* (Nelson Mandela com problemas iniciais na África do Sul - crime, legado do *apartheid*, trem da alegria e corrupção) - são referentes ao primeiro ano após a vitória de Mandela nas urnas.



O argumento foi criado a partir da representação da África do Sul como um bebê, o que justifica a presença de brinquedos no chão. Pensar o país como uma criança ainda de colo é uma alusão direta à transição política e ao surgimento da “Nação Arco-Íris”, assim como Mandela se referia à democracia multirracial. Faz parte do repertório social a ideia de que as crianças precisam de cuidados, já que nos primeiros anos de vida ainda são muito frágeis. Acreditamos que estas características foram transferidas ao país, que na charge aparece com uma representação humana. Na figura 1b, em que a charge está em cores, podemos perceber que a fralda da criança é a nova

bandeira da África do Sul. Durante o seu mandato, Mandela trocou os principais símbolos nacionais sul-africanos, a bandeira e o hino, com o objetivo de incluir os grupos historicamente discriminados nestas novas representações. A bandeira e o hino escolhidos após a transição política tinham o objetivo de inaugurar um novo país, outra página na história sul-africana.

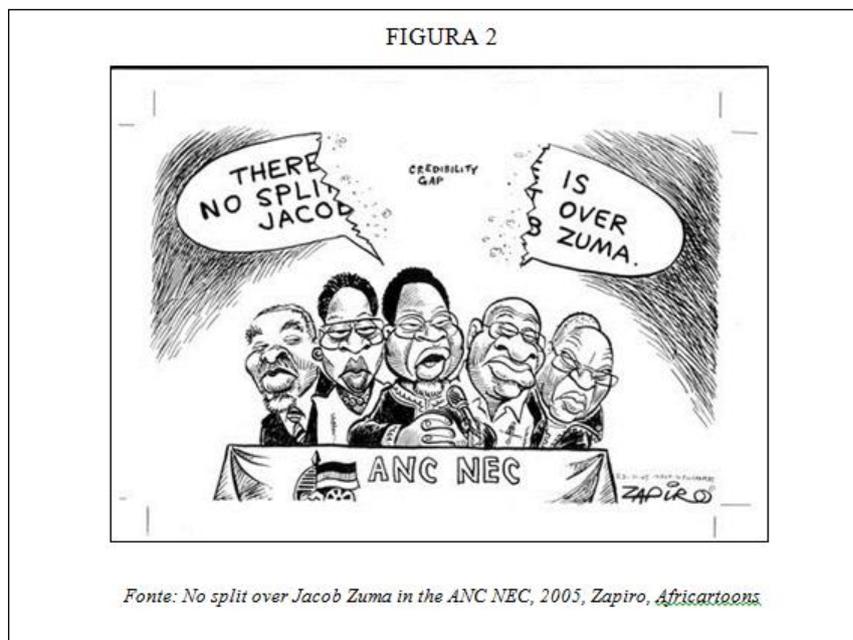
Na charge, Mandela é desenhado usando terno, traje recorrente entre os chefes de Estado. No entanto, ele parece conversar com a criança, que está aos prantos, em seus braços. É como se as palavras de Madiba fossem acalmar o bebê, assim como os pais fazem nessas ocasiões. Na figura 1 (a e b), Mandela assume a postura de adulto responsável pelo desenvolvimento e bem-estar da criança. Transferindo essa relação ao campo político sul-africano, Zapiro apresenta um presidente que está ciente dos seus desafios. A fala do político “é claro, ainda temos alguns problemas iniciais” (*of course, we've still got some teething problems*) caminha no sentido de reconhecer as dificuldades e acreditar em uma possível mudança.

No campo político destacamos que, em 1995, Mandela e sua equipe estavam se esforçando para consolidar as bases da democracia multirracial e impedir uma guerra civil ou um golpe de Estado, tendo em vista que o clima de instabilidade ainda era grande. Em contrapartida, a vitória do líder negro nas urnas representou a esperança para uma parcela da população que acreditava que as mudanças sociais seriam realizadas rapidamente. Talvez (e lançamos essa possibilidade a partir de uma especulação) a expressão “trem da alegria”, presente no título da charge, não seja apenas uma opção estética, mas uma forma de descrever o entusiasmo exacerbado e prejudicial de alguns setores da sociedade. A presença do brinquedo se justifica pelo argumento construído pelo chargista: analisar a situação política a partir do universo infantil.

Nas charges de Zapiro, o primeiro presidente negro é tratado como um herói por suas contribuições inestimáveis à transição política. Mandela é tido como o principal responsável por evitar o início de uma guerra civil após o fim do *apartheid*. A sua postura cautelosa e conciliadora teve o objetivo de inaugurar uma nova história para a África do Sul. No trabalho de Zapiro, Mandela é percebido como o herói nacional. O chargista visita toda a sua trajetória política para demonstrar que o *xhosa* é um líder

natural. Mais do que isso, ele é visto como alguém capacitado para erguer as bases de uma nova nação.

Na figura 2, escolhida para destacar a representação de Mbeki, Zapiro abordou o racha no interior da sigla, motivado pela cassação do mandato de Zuma, vice-presidente. A charge foi publicada no jornal *Independent Newspaper*, em 23 de novembro de 2005, com o título *No split over Jacob Zuma in the ANC NEC* (Jacob Zuma, não divida o Comitê Nacional do CNA). Apesar das pesquisas, não conseguimos identificar as personagens representadas, além de Mbeki e Zuma. No entanto, há a presença de uma bancada com a identificação da sigla. Percebemos que o então presidente do CNA, Mbeki, e Jacob Zuma, eleito para o mesmo cargo três anos mais tarde, estão cada um em uma das extremidades da mesa. A separação e a expressão facial indicam que a situação entre os dois é de ruptura.



Mbeki e Zuma ocupavam, respectivamente, os cargos de presidente e vice-presidente da África do Sul entre os anos de 1999 e 2005. Os dois se destacaram no interior da sigla como grandes militantes contrários ao *apartheid*. Talvez Mbeki ocupasse um lugar ainda mais privilegiado por ser filho de Govan Mbeki, por ter governado o país ao lado de Nelson Mandela e sucedido o primeiro presidente negro no

comando do país. Com Mbeki e Zuma no poder, o CNA ganhava destaque por colocar mais dois militantes contrários ao antigo regime no poder. Entretanto, as acusações de corrupção cresceram no país após o governo de Nelson Mandela até que, em 2005, Mbeki cassou o mandato de seu vice, baseado nessas alegações.

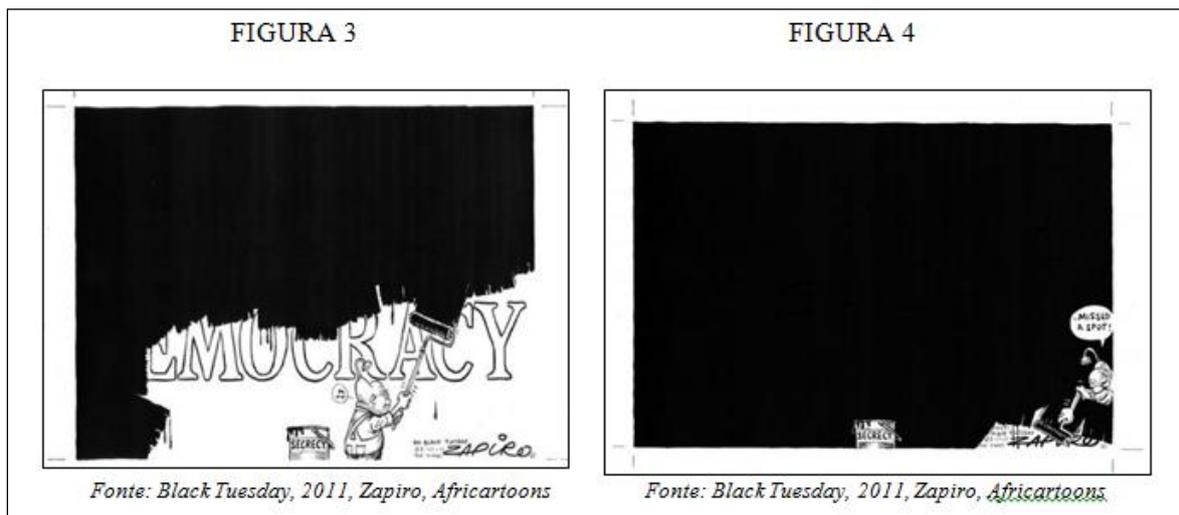
Outro fato que culminou para acirrar ainda mais a relação entre os dois políticos, de acordo com o jornal *Mail & Guardian*, foi a reabertura de um processo contra Zuma, mediante acusação de corrupção. Segundo a Promotoria sul-africana, o caso não teve continuidade anteriormente porque o acusado era irrelevante em termos políticos. Para Zuma, a continuidade deste processo foi estimulada por Mbeki, como um meio de impedir que ele disputasse as eleições majoritárias em 2009. Em setembro de 2009, o processo foi encerrado por falta de fundamentos.

Zapiro reproduz vários personagens com o intuito de destacar as lideranças do CNA na figura 2. Percebemos que a pessoa que comanda a reunião do Comitê Executivo faz uma assertiva de que não há divisão frente à retirada de Zuma do Governo, afirmando que *There is no split over Jacob Zuma* (Não há divisão sobre Jacob Zuma). Quando o representante do partido afirma que não há divergências sobre a cassação de um membro de um cargo do alto escalão, ele endossa a atitude de Mbeki.

Do ponto de vista histórico, esta condição faria sentido, até porque o presidente do país, nesse caso, também era o líder máximo do partido. Entretanto, a reprodução do balão é contraditória ao discurso; ele está quebrado. Enquanto o texto sugere que a decisão de Mbeki foi aceita pelos militantes do CNA (união), o balão indica que a recepção foi negativa e que há uma cisão no interior do partido (separação). Esta dualidade entre o balão e o discurso descredencia a posição partidária. O chargista deixou implícito ao leitor a ideia de que a afirmação feita pelas lideranças do CNA é falsa ou que não tem mais validade. Entre as duas partes do balão há um destaque para a expressão *credibility gap*, que significa falta de credibilidade. Para dar um tom mais humorado e transgressivo à charge, podemos observar Mbeki tentando espiar a reação de Zuma no outro lado da mesa. O ex-vice presidente aparece descontente e contrariado.

A relação entre Zapiro e Zuma é a mais polêmica dentre as analisadas aqui. Os dois já se enfrentaram nos tribunais sul-africanos em três ocasiões. O líder negro tornou-se um dos principais personagens dos argumentos do chargista antes

mesmo de assumir a presidência. Nas figuras 3 e 4 vemos o apoio do chargista ao protesto *Black Tuesday*, que levou pessoas vestidas de preto às ruas no dia 22 de novembro de 2011, dia em que estava prevista a aprovação do projeto *Secrecy Bill* pelo Parlamento. A medida tem sido um tema frequente no trabalho de vários chargistas, entre eles Zapiro.



A data foi considerada como o pior dia para a África do Sul desde o fim do *apartheid*. Com a aprovação da medida, seria considerado crime divulgar informações classificadas como restritas pelo Governo. A pena poderia chegar a até 25 anos de prisão. A aprovação do projeto tornava-se ainda mais polêmica pela situação de Jacob Zuma perante a imprensa. Ainda segundo o *The Guardian*, a mídia sul-africana é a que goza de mais independência frente ao restante do continente. Com um papel efetivo no campo político, é vista por alguns como uma oposição não oficial. Os movimentos da sociedade civil também são muito importantes e a publicação destaca que eles têm o papel de auxiliar na descentralização de poder no país.

As figuras 3 e 4 têm o mesmo título *Black Tuesday* (Terça-feira Preta). As imagens foram publicadas no jornal *The Times*. A primeira saiu no dia 22 de novembro, data de manifestações, e a segunda no dia seguinte. O presidente Zuma é o único personagem a aparecer nas duas charges.

Na figura 3 Zuma está trajado com um macacão, algo semelhante a um uniforme utilizado pelos pintores. No argumento de Zapiro, vemos Zuma apagando a democracia com uma tinta preta, com a palavra *secrecy* (sigilo) na lata. Percebemos que o presidente já iniciou o seu “trabalho”, pois algumas partes da palavra já estão encobertas. Parece-nos claro que o objetivo do chargista é criticar a postura do presidente: ele se diverte (canta) enquanto se dedica a esconder informações importantes do Governo. O que é mais controverso, a respeito desta situação, em nosso ponto de vista, é justamente o fato de uma proposta como essa partir do CNA, um partido que historicamente lutou para acabar com os segredos de um estado de segregação.

Apesar das figuras terem sido publicadas separadamente no *The Times* há uma grande noção de continuidade entre as charges. Novamente, a intertextualidade fica explícita no trabalho de Zapiro. A figura 4 é uma finalização da 3; a sua compreensão plena está ligada necessariamente à leitura da primeira imagem. Ainda que a crítica à *Black Tuesday* fique clara na figura 4, em decorrência do título, o julgamento mais específico (que se refere à rivalidade entre Zuma e Zapiro) precisa da relação entre as duas charges. Este argumento do chargista também possui relação com de outros chargistas. A possível aprovação do projeto recebeu bastante destaque entre os profissionais do humor gráfico.

Abordagens e percepções

A partir do trabalho de Zapiro percebemos como a charge pode ser um importante instrumento para a pesquisa histórica. Ainda que os argumentos sejam permeados pela versão do chargista, eles trazem informações importantes do período em que estão inseridos. Com uma linguagem específica, o chargista nos conta uma história. E neste discurso encontramos demarcações políticas e sociais, características essenciais quando nos debruçamos sobre algo tão relevante como o *apartheid* e os seus resquícios na realidade sul-africana.

Podemos considerar, nas charges analisadas, que a representação de Nelson Mandela, Thabo Mbeki e Jacob Zuma assumem características distintas no trabalho do chargista. Os argumentos partem de uma valorização extrema do primeiro presidente até a frustração com o atual chefe de Estado, Jacob Zuma.

As charges de Zapiro têm um importante papel político na África do Sul, sobretudo porque a democracia multirracial ainda é uma realidade recente. Com o fim do *apartheid*, os grupos racialmente discriminados passaram a ter acesso a direitos básicos, entre eles o voto e a representação política. Entretanto, na esfera econômica, a desigualdade social é latente e os meios de produção se concentram nas mãos dos brancos.

Referências

ADEUS A MANDELA REPRESENTA ALÍVIO POLÍTICO PARA ZUMA. O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/adeus-mandela-representa-alivio-politico-para-zuma-10995175>>. Acesso em 07 dez 2013.

BIDDLE, Jo. Mandela foi catalogado por décadas como terrorista pelos EUA. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/mandela-foi-catalogado-por-decadas-como-terrorista-pelos-eua>>. Acesso em 15 dez 2013.

CHAGAS, Paulo Victor. "O governo e os brasileiros se inclinam diante da memória de Mandela", diz Dilma. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-05/governo-e-os-brasileiros-se-inclinam-diante-da-memoria-de-mandela-diz-dilma>>. Acesso em 05 dez 2013.

_____. Líderes mundiais lamentam morte de Mandela. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-12-05/lideres-mundiais-lamentam-morte-de-mandela>>. Acesso em 05 dez 2013.

CARLIN, John. **Conquistando o Inimigo: Nelson Mandela e o jogo que uniu a África do Sul**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

CERRADA, Juan García. Espanha e França vistas através do humor gráfico espanhol. In: LUSTOSA, Isabel. Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.

FULLER, Alexandra. **Os filhos de Mandela**. Revista National Geographic Brasil. n.123, p.52-81, jun/2010.

JONGE, Klaas de. **África do Sul: apartheid e resistência**. São Paulo: Cortez: EBOH, 1991.

MARINOVICH, Greg. **Um grande líder, mas escorregou em algumas áreas.** Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_um_grande_lider_mas_escorregou_em_algumas_areas>. Acesso em 10 dez 2013.

MARINOVICH, Greg; SILVA, João. **O Clube do banguê-banguê: instantâneos de uma guerra oculta.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MIANI, Rozinaldo Antonio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP16MIANI.PDF>>. Acesso em 10 de abr 2011.

ROMUALDO, Edson Carlos. Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

SANTOS, Renata de Paula dos. **África do Sul e apartheid:** análise imagética dos conflitos raciais de 1990 a 1994. 2010. 116 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo). Universidade Estadual de Londrina. Londrina.

_____. **Mandela Day e a coroação do mito:** a representação de Nelson Mandela no traço de chargistas sul-africanos. 2013. 76p. Monografia (Especialização em Comunicação Popular e Comunitária). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

_____. **Iconografia e política na África do Sul:** a representação de Nelson Mandela, Thabo Mbeki e Jacob Zuma nas charges de Zapiro. 2014. 209p. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SINHA, Shreeya. **Fotografando fora da bolha branca do apartheid.** Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_fotografando_fora_da_bolha_branca_do_apartheid>. Acesso em 10 dez 2013.

TUTU, Desmond. **Um colosso de caráter moral inatacável.** Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed776_um_colosso_de_carater_moral_inatacavel>. Acesso em 10 dez 2013.